

# SIMANGO



Faz esta semana 5 anos que o Comité Central da FRELIMO se reuniu para tomar decisões de importância vital para o progresso vitorioso da luta:

— «O Comité Central tendo analisado o comportamento político e moral de Uria Simango caracterizado pela acção contra-revolucionária, pelo oportunismo, ambição, corrupção e irresponsabilidade, concluiu que ele não reúne qualidades nem sequer para ser membro da FRELIMO e decidiu expulsá-lo da nossa organização.

— «O C.C. elegeu o camarada Samora Machel para o cargo de Presidente da FRELIMO e o camarada Marcelino dos Santos para Vice-Presidente. A escolha baseou-se no facto de serem eles quem, desde a morte do camarada Mondlane, tinham de facto assumido a direcção da FRELIMO e lutado para assegurar a integridade estrutural e ideológica da Organização.

— «O Comité Central confirmou, clarificou e reforçou a definição dos objectivos da nossa luta, que são a conquista da independência total e completa, a destruição do sistema colonial, e o estabelecimento de um regime baseado nos interesses do povo, construído pelo povo e para o povo.

— «O Comité Central reafirmou que a qualidade de inimigo para nós não deriva nunca da cor ou nacionalidade, raça ou religião de uma pessoa. É sim nosso inimigo todo aquele que explora ou cria condições para a exploração do nosso povo, seja qual for a sua cor, raça, a nacionalidade ou religião.»

## A CONTRADIÇÃO NO SEIO DA FRELIMO E O SEU DESENVOLVIMENTO

Não foi a primeira vez que existiram duas linhas políticas antagónicas numa vanguarda política revolucionária: a experiência da revolução chinesa tinha-o demonstrado já com o aparecimento da «linha de direita» de Liu Chau Shi que pretendia restaurar o capitalismo.

A existência de duas tendências opostas no interior da direcção de uma organi-

zação revolucionária não é, pois, um sinal de fraqueza. Pelo contrário, a existência de contradições é um fenómeno natural e inevitável para o progresso e o crescimento e fortalecimento «resulta da solução correcta das contradições» (nota 1).

Existe, aliás, um exemplo bastante recente deste fenómeno — o processo que o 25 de Abril desencadeou em Portugal e a maneira como foram sendo desamplificados e afastados indivíduos tais como, Palma Carlos, Sanchez Osório e o ex-general Spínola.

O combate entre duas linhas no seio do MFA longo de enfraquecer o processo revolucionário português foi motivo para um avanço decisivo e uma mais correcta definição do inimigo.

## AS CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA LINHA DE SIMANGO

Particularmente no nosso país a contradição entre duas vias existiu desde o início da fundação da FRELIMO. Se, no princípio, essas duas linhas eram apenas contraditórias e não antagónicas, em breve, com a transformação da luta de libertação em revolução democrática e popular, os grupos que defendiam cada uma delas, tornam-se inconciliáveis.

De um lado, Uria Simango, Lázaro Kavandame, Pedro Mateus Pinho Cwengere; do outro lado, todo o Comité Central em defesa dos reais interesses das massas exploradas e oprimidas.

Que defendia a linha reacção de Uria Simango?

Em termos esquemáticos: definia a raça branca como sendo o inimigo e, portanto, pretendia que a finalidade da guerra era a expulsão da população branca de Moçambique; defendia a necessidade de se prepararem elites que substituídos aos governantes colonialistas continuariam a levar a cabo a exploração do povo moçambicano ao serviço dos interesses estrangeiros.

Em suma — pretendia acabar com o colonialismo, para montar o neocolonialismo. Os seus defenso-

res opunham-se à exploração porque queriam ser eles a explorar. «Alguns moçambicanos viram para a revolução», como afirmou o camarada presidente, «movidos pela ambição, para terem postos altos num Moçambique independente» (nota 2).

# a lição que nos ficou

res opunham-se à exploração porque queriam ser eles a explorar. «Alguns moçambicanos viram para a revolução», como afirmou o camarada presidente, «movidos pela ambição, para terem postos altos num Moçambique independente» (nota 2).

## A OPOSIÇÃO A GUERRA PROLONGADA

Que táticas foi adoptando Simango ao longo da sua acção contra-revolucionária? Que defendia esse grupo de reacção logo no desencadear da luta armada?

«Primeiro distam-nos que nós tínhamos definido mal o inimigo porque o inimigo era o branco e nós afirmávamos que o inimigo não era o branco mas o sistema. Segundo, porque se nós seguíssemos a guerra de guerrilha isto iria tomar muito tempo, duraria muitos anos. Afirmamos, eles que uma guerra de conquista e ocupação demoraria menos tempo oportunismo de direitos.

Uria Simango não acitava, pois, a guerra popular prolongada. Ele pressentia que essa guerra iria forjar, tarde ou cedo, um novo con-

de vida nas áreas libertadas que Simango, Kavandame e outros vão demonstrar a sua tendência exploradora.

Opondo-se ao princípio que a guerra é um prolongamento da política, aqueles elementos descuravam a importância da mobilização e organização das massas camponesas e afirmavam que a única tarefa dos guerrilheiros seria a de combater.

O conflito entre as duas linhas acentou-se como reflecto da prática conjugada da fórmula «combate-produção-estudo» junto das massas que permitiu confirmar que a linha ideológica da FRELIMO era, afinal, aquela que correspondia aos interesses das largas massas trabalhadoras exploradas e oprimidas.

A ofensiva de Simango, apoiada por Cwengere, ascende-se, em fins de 1967, tentando provocar a divisão no seio da direcção e das fileiras dos combatentes; os estudantes não deviam participar na produção nem na luta armada já que estavam destinados a ser os futuros dirigentes; as mulheres não podiam participar na luta (a Liga Feminina Moçambicana era presidida pela mulher de Uria Simango); adiantavam ainda que não se devia perder

que pudesse ser um instrumento repressivo nas suas mãos.

Para além de tudo isto, Simango discorria da política de clemência em relação aos soldados portugueses prisioneiros e declarava que deviam ser mortos depois de lhes serem arcaçadas as informações que possuísem.

Como se disse no princípio, a vitória sobre a linha reacção de Simango, não quebrou a unidade existente no interior da FRELIMO, mas elevou-a a um nível superior — a unidade nacional dá lugar à unidade ideológica.

O processo por ela desencadeado era um processo de divisão, mas tinha aspectos positivos: gradualmente, um novo tipo de inimigo definia-se com precisão: nos anos que se seguem e até fins da década de 60, a FRELIMO vai conseguir estabelecer na prática vivida, a diferença abismal e inconciliável que separa os revolucionários dos contra-revolucionários.

Ainda que as suas actividades tivessem prejudicado e atrasado grandemente a vitória final da luta de libertação, uma coisa aprendemos e registamos como lição histórica: o colonialismo não tem cor, o imperialismo não



A mesma reunião do Comité Central que expulsou o regegado Uria Simango, elegendo também os camaradas Samora Machel e Marcelino dos Santos, para os quadros da presidência da FRELIMO, confirmando assim, o domínio da linha revolucionária por cima sobre os dois «vieiros» que a contrariavam.

se transformasse em consciência revolucionária.

## COMO SIMANGO RECEAVA QUE O POVO TOMASSE CONSCIÊNCIA

Mas é sobretudo com a instalação de um novo tipo

tempo a politizar o exército e que as massas populares deveriam servir apenas para carregar material».

O seu objectivo era fácil de compreender — criar um baixo nível de consciência política de maneira a que o seu futuro domínio opressor fosse tolerado e dispor de um exército despolitizado

tem pátria, a exploração não tem raça.

(Nota 1) — Samora Machel in «Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder».

(Nota 2) — Extractos das declarações de Samora Machel à revista «Tempos».



O caminho que Simango, Murapa, Kavandame e Cwengere seguiram desde que foram denunciados, ao se entregarem às autoridades coloniais para reprimir em directamente o povo, não deixou dúvidas algumas acerca da sua natureza reacção. Na gravura, o reverendo Simango evoca do seu «peixe» as entidades exploradoras.